

HOMENAGEM



MANUEL G. M DE ARAÚJO E A CONSTRUÇÃO DA GEOGRAFIA URBANA DE MOÇAMBIQUE

Por Joaquim Miranda Maloa

148

Joaquim Miranda Maloa
Instituto Superior de Desenvolvimento
Rural e Biociências da Universidade
Rovuma – Niassa (ISDRB –
UniRovuma) (Moçambique)
orcid.org/0000-0002-9277-2133
lattes.cnpq.br/3526963701681982
Contato: mwanamaloa@gmail.com

Como citar:
MALOA, J. M. Manuel G. M de
Araújo e a construção da
geografia urbana de
Moçambique. Boletim
GeoÁfrica, v. 3, n. 10, p. 148-
159, abr.-jun., 2024.

Quero começar por agradecer essa oportunidade a Comissão Organizadora do simpósio “Manuel Garrido Mendes de Araújo: vida e obra”, principalmente ao Professor Doutor *Elmer Matos* e a sua equipe que tiveram a iniciativa de organizar esse grande evento de homenagem ao Professor Catedrático Manuel Garrido Mendes de Araújo.

Figura 1. Panfleto virtual do Simpósio “Manuel Garrido Mendes de Araújo: vida e obra”



Fonte: Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS)

Quero também saudar aos meus professores aqui presentes:

A Professora Doutora *Inês Macamo Raimundo*, que participou como arguente na defesa da minha tese de Doutoramento em Geografia Urbana;

Ao Professor Doutor *Ramos Cardoso Muanamoha*;

Ao Professor Doutor *Cláudio Artur Mungói*;

Ao Professor Doutor *Rogers Justo Mateus Hansine*;

Ao Professor Doutor *José Maria Langa representante da GAM*;

Quero mais uma vez, reafirmar que foi uma honra e privilégio em participar nesse reconhecimento público ao Professor Catedrático Manuel Garrido Mendes de Araújo que

é um grande embondeiro da ciência geográfica como disse o Professor Doutor *Narciso Matos*, antigo Reitor da Universidade Eduardo Mondlane.

Foto 1. Foto do Professor Manuel Garrido Mendes de Araújo



Fonte: <https://jornal.uem.mz/flcs-homenageia-o-professor-manuel-mendes-de-araujo/>

Conheci o Professor Catedrático Manuel Garrido Mendes de Araújo, no ano de 2013, quando, realizava o trabalho de campo sobre a minha tese, intitulada: *A urbanização moçambicana: Uma proposta de interpretação*. Quero ressaltar que foi neste momento da entrevista que conheci a sua personalidade extraordinária, com um espírito crítico.

Seus artigos da Geografia Urbana moçambicana, revolucionou não apenas a Geografia, mas também as Ciências Humanas e Sociais.

Portanto, é com muita emoção que lembro o homem compromissado com a construção da Geografia Urbana, por isso é um privilégio muito grande para mim falar um pouco dessa geografia urbana, mas como fui último a falar, mas também olhando pela idade e pela experiência de todos oradores que me antecederam, já falaram da qualidade extraordinária do nosso homenageado. Cabe-me aqui fazer uma síntese olhando o que a Professora *Mónica Arroyo* e o Professor *Ramos Cardoso Muanomoha*, fizeram referência importante da Geografia Urbana construída pelo nosso homenageado.

Como disse a professora Teresa Cruz é preciso voltar a repisar as qualidades extraordinária do nosso homenageado, isto porque, o Professor merece esse reconhecimento público, eu vou fazer referência aqui a seis (6) pontos do seu reconhecimento na construção da Geografia Urbana, não encontro palavras para falar de

construção, como processo, eu acho que não podemos falar em construção, mas em construtor, aqui temos que mudar o tema da nossa homenagem para *Manuel Garrido Mendes de Araújo o Construtor da Geografia Urbana Moçambicana*. A casa já esta construída apenas falta a nossa geração pintar essa casa que se chama de Geografia Urbana tipicamente moçambicana.

Então como dizia anteriormente vou falar aqui de seis (6) pontos que eu acho importantes que me levam a afirmar que o Professor Manuel Garrido Mendes de Araújo construiu essa casa que chamámos de Geografia Urbana moçambicana:

O primeiro ponto é a questão do *preconceito* que já vinha em estudos da Geografia Urbana Colonial, assente na cidade colonial, que apresentava uma característica dual muito marcada: por um lado, pela chamada "cidade de cimento", branca, de desenvolvimento vertical, planificada, com infraestruturas e serviços; em oposição, a designada "cidade de caniço", negra, suburbana, horizontal, não planificada, de construção espontânea e de material precário (estacas, barro, caniço, etc.), sem infraestruturas e serviços e que se dispunha à volta da "cidade de cimento", cercando-a.

Como escreve o professor Manuel G. M. de Araújo, as transformações ocorridas nestes espaços depois da independência nacional não eliminaram a dualidade económica, social e de organização urbana, pois a principal alteração foi apenas demográfica, com as consequências daí decorrentes. A "cidade de cimento" mantém-se com as mesmas características, mas mais degradada em termos de infraestruturas e serviços. Ela apenas deixou de ser "branca", mas não deixou de segregar a área suburbana a "cidade de caniço"

No seu artigo, "*Ruralidades - Urbanidades em Moçambique. Conceitos ou preconceitos?*", publicado na Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Porto, em 2001, lá já se vão vinte e três (23) anos, onde questionava a aplicação linear da delimitação clássica das designações de urbano e rural em Moçambique e questionando se se essas designações, não significam mais uma questão de preconceitos do que de conceitos, porque nos limitamos a aplicar estes conceitos sem nos ajustarmos às realidades concretas dos nossos espaços urbanos.

E o professor avança que em África, o rural e o urbano são apresentados como dois espaços bem individualizados que representam dois mundos que, mantendo fortes relações, caminham a velocidades desiguais e representam "culturas" e realidades profundamente diferentes.



Na realidade moçambicana, muitas das áreas definidas como urbanas, não é fácil separar os conceitos de rural e o urbano, em particular naquilo que se designa por bairros urbanos das periferias das cidades, ou mais simplesmente bairros periféricos. A primeira dificuldade resulta do facto de, insistentemente, pretendermos usar os conceitos dos países mais desenvolvidos e aplicá-los linearmente a realidades completamente diversas daquelas para as quais foram concebidos, sem que sejam ajustados a esta.

O Professor Manuel G. M. de Araújo foi o primeiro a nos chamar atenção de que isso resulta mais de um preconceito daquilo que foi definido para uma realidade que se quer igual em termos de objectivos, isto é, os conceitos de urbano e rural em Moçambique não são iguais ao dos países desenvolvidos. *Isso mostra a não-aceitação dos padrões académicos.* A sua percepção e análise nasciam do diálogo profundo com a realidade empírica. Com o professor Manuel G. M. de Araújo *aprendemos muito sobre o rigor científico.*

O *segundo ponto* está completamente interligado ao primeiro ponto, o Professor Manuel G. M. de Araújo foi também o primeiro a perceber que os *espaços urbanos moçambicanos são contrastantes ou espaços urbanos demograficamente multifacetados*, mostrando do ponto de vista geo-espacial, algumas características demográficas dos espaços, de forma a identificar, dentro deles, aspectos que distinguem ou não unidades territoriais intra-urbanas que configuram realidades que necessitam ser encaradas de formas mais ajustadas, para permitir um desenvolvimento sócio-económico mais equilibrado e que responda aos principais anseios dos seus residentes. Mostrando que essas são características específicas das nossas cidades que fazem parte da nossa Geografia Urbana. *Nestes aspectos ensinou-nos sobre o método do trabalho do geógrafo urbano.*

O *terceiro ponto* é a questão de êxodo rural, foi também o primeiro a observar que o crescimento urbano moçambicano foi impulsionado pelas migrações, é por princípio, um poderoso factor de transformação dos espaços urbanos. O que leva a população economicamente mais favorecida da área urbana a ter uma percepção de "gente a mais", porque se sente "incomodada" pela pressão demográfica dos informais e indigentes, assim como pelo que isso provoca na degradação urbana.

O professor afirma que esta percepção se agudiza, porque o êxodo rural não tem sido acompanhado por um desenvolvimento urbano equivalente, tem alterado profundamente o meio ambiente e toda a estrutura sócio-económica urbana, suburbana e



peri-urbana. Esta escassez é agravada pela ausência de perspectivas e de políticas públicas para o desenvolvimento urbano, fazendo-se este ao sabor do acaso e/ou de interesses particulares que, na quase totalidade das vezes, criam obstáculos a tudo que sejam acções de planeamento integrado que visem a melhoria das condições de vida da população em geral.

Nos principais centros urbanos de Moçambique a atracção da população para os principais centros urbanos varia na razão inversa da distância, pois a população imigrante das principais cidades é, maioritariamente, oriunda das províncias onde elas se situam, diminuindo o seu peso à medida que a distância aumenta. É nesta dinâmica que as cinturas peri-urbanas das cidades moçambicanas funcionam como "zonas de transição" do rural disperso para o urbano concentrado.

Na realidade, as áreas peri-urbanas das cidades moçambicanas, administrativamente consideradas espaços urbanos, são cinturas de territórios onde as características da sociedade rural se misturam com formas económico-sócio-culturais urbanas. Em vários bairros destas cinturas peri-urbanas, a maioria dos seus habitantes sobrevivem da actividade agrícola familiar, tal como sucedia nas áreas rurais de origem, assim como o tipo de habitação é semelhante àquele que tinham no campo. Para a população imigrante este espaço funciona, geralmente, como local de residência transitória, por três razões essenciais:

Primeiro, porque o objectivo é aproximar-se o mais possível do centro da cidade onde as possibilidades de trabalho, seja no sector formal, seja no informal, são maiores, não necessitando de fazer grandes despesas em transporte;

Em segundo lugar, e como fenómeno recente, porque estas áreas peri-urbanas são muito procuradas por residentes privilegiados do centro urbano, onde pretendem construir a sua segunda e terceira residência, sem problemas de espaço, num processo nem sempre pacífico e onde o elo mais fraco é a família imigrante. Aumentando a especulação fundiária urbana e provocando a perversidade dos grupos mais desfavorecidos.

O terceiro aspecto é o fato de estas áreas peri-urbanas servirem para a localização de novas áreas de expansão urbana planificada para a instalação de população retirada de áreas problemáticas. Como mostra o Professor Catedrático Manuel Garrido Mendes de Araújo, por problemas estruturais dos espaços rurais, os espaços urbanos adquiriram valores atractivos que, embora apenas aparentes, surgem hípermovimentos centrípetos da população que superam, em grande medida, a força centrífuga da expansão urbana. Isto



altera os modelos clássicos, criando um fenómeno actualmente muito frequente em África, designado por "implosão urbana", isto significa que uma parte considerável do crescimento urbano não tem sido feito à custa do espaço peri-urbano, mas tem sido a periferia que avança em direcção ao centro, conferindo a estas características marcantes de suburbanização e de "ruralização".

As diferentes formas como a população se organiza no espaço influencia ou é influenciada pela organização e dinâmica produtiva e ambiental. Numa situação fluída e descontrolada de distribuição territorial da população, em que a mobilidade constante e desordenada é a característica fundamental, torna-se inevitável que a produção, o ambiente e a gestão territorial reflectam essa mesma característica. Assim, as medidas sócio-económico-ambientais que se pretendam tomar devem, obrigatoriamente, integrar políticas espaciais de distribuição de população e de gestão territorial e vice-versa, o que muito raramente tem sucedido.

A distribuição territorial da população é resultado dos movimentos desta no espaço ao longo dos tempos. Aqui se inserem os diferentes movimentos migratórios, dentre os quais é de vital importância o rural-urbano. Os custos que isto implica variam na razão directa da dimensão do movimento e inversa do estado de desenvolvimento da utilização dos recursos. Assim, países pobres sentem grandes dificuldades para suportar e enquadrar fluxos migratórios rurais-urbanos agravados por factores conjunturais, que assumem dimensões e ritmos imprevisíveis e de difícil controlo.

Além disso, diz o professor, os bairros de cimento, com uma população muito superior e diferente daquela para a qual foram construídos, entraram em rápida degradação habitacional e, fundamentalmente, dos serviços básicos de saneamento e abastecimento.

Esta situação marcou, e ainda marca, as cidades moçambicanas, que exigem urgentes intervenções de conservação e planeamento de forma que se melhorem as condições de vida dos seus residentes.

O *quarto ponto* é a questão da estrutura urbana moçambicana, mostrando pela forma de distribuição populacional, manchas circulares concêntricas e privilégios urbanos, que os espaços urbanos moçambicanos esta dividida em três anéis que podem sintetizar-se da seguinte forma:

O primeiro corresponde à antiga "cidade colonial", a "cidade de cimento" também designada por área urbana - organizada territorialmente, obedecendo a uma planta



ortogonal; com rede viária pavimentada, apesar de muito degradada; serviços de saneamento básico; redes de abastecimento de energia eléctrica e de água potável e de telecomunicações; construção, em geral, vertical; concentração de comércio, serviços e algumas indústrias; falta de espaços verdes e de lazer.

A segunda corresponde a área suburbana, conhecida por "cidade de caniço" - constituída por bairros não planeados, de planta indiferenciada ou anárquica; elevada densidade de ocupação do solo, dificultando a circulação e falta de espaço para serviços; redes de abastecimento de energia eléctrica e de água potável deficientes ou inexistentes; falta ou muito deficiente rede de telecomunicações; falta de serviços de saneamento básico; construção horizontal, com predominância de material de construção de baixo custo ou precário; falta de serviços e deficiente rede comercial; dificuldades de circulação viária; área fundamentalmente residencial de classes trabalhadoras pobres; existência de algumas unidades industriais e graves problemas ambientais.

155

Mostrando que actualmente, neste anel o "cimento" substitui, gradualmente, o "caniço", conferindo aos bairros suburbanos uma nova face, mas sem que isso seja acompanhado pela construção de infraestruturas viárias, de saneamento, de serviços e outras; estas continuam fortemente concentradas na área urbana mas onde o caniço e as estacas estão, rapidamente, a ser substituídos por outro tipo de material de construção, mais durável, como o zinco, os blocos de adobe queimados ou secos ao sol e onde o cimento é fundamental. De tal forma, isto é evidente que estas novas características são apontadas como indicadores de urbanização da população com menos recursos económicos e segregadas do "cimento".

A terceira corresponde área peri-urbana - espaço de expansão da cidade, ainda com muito terreno para edificação; manchas de bairros planeados que alternam com bairros espontâneos e residências rurais dispersas, ainda muito frequentes; construção totalmente horizontal, alternando o material de construção durável com o precário; redes de abastecimento de energia eléctrica e de água potável inexistentes ou deficientes; falta de serviços de saneamento básico; dificuldade de circulação viária por falta de vias adequadas, com excepção dos eixos de saída e entrada da cidade; persistência de actividades rurais como a agricultura familiar e a criação de gado; a população é constituída por camponeses há muito tempo ali residentes.

Os bairros da área peri-urbana distinguem-se dos suburbanos, não por estarem na periferia dos limites administrativos da cidade, mas porque a densidade de ocupação



residencial do espaço ainda é baixa e a actividade agrícola ainda está presente em todos eles ocupando áreas consideráveis, mas que vão diminuindo de ano para ano para dar lugar à construção de novas residências. As casas tradicionais rurais (palhotas) marcam uma forte presença, mas ao seu lado estão a surgir novos espaços residenciais pertencentes a classes economicamente abastadas que alugam os apartamentos e/ou vivendas que possuem no centro e vêm à procura de maiores espaços na área peri-urbana, construindo vivendas, com “quintas” rodeadas de amplos terrenos murados.

O quinto ponto é a questão da gentrificação, o Professor foi também o primeiro a observar nos finais da década de 1990, principalmente na cidade de Maputo, os bairros suburbanos que confinam com os urbanos encontram-se num rápido processo de transformação. É o que sucede com os bairros da Malanga, Maxaquene, Mafalala, Polana Caniço A e Costa do Sol, onde surgiam novas edificações que não obedeciam a qualquer plano de ordenamento e uma parte dos anteriores residentes eram obrigados a deslocarem-se para outros locais da cidade (suburbana e peri-urbana), para ceder o seu espaço aos novos residentes que, com muito maior poder económico, construíam vivendas luxuosas. Os casos mais flagrantes e aberrantes desta situação estavam a ocorrer nos bairros da Polana Caniço A e da Costa do Sol.

No primeiro destes bairros estavam a surgir dezenas de vivendas unifamiliares luxuosas, normalmente de dois pisos, que não obedecem a nenhum ordenamento, sem que se tenham construído infraestruturas de saneamento e viárias. As centenas de famílias de trabalhadores de fracos rendimentos que ali viviam há, pelo menos, uma geração, foram deslocadas para diferentes áreas da cidade, com piores condições das que aqui possuíam. Este fenómeno de exclusão está a expandir-se para quase todos os bairros periféricos das cidades moçambicanas.

O sexto ponto é a questão de estudar a questão urbana da região do norte de Moçambique, no período pós independência, dando primazia a cidade de Nampula, chamando da cidade de Nampula, como a Rainha de Norte, com um forte crescimento demográfico resultado dum forte fluxo migratório vindo das áreas rurais, impulsionado pela ideia de vir para a cidade para melhorar as condições de vida da população migrante não passou duma miragem, o que resultou na proliferação da economia informal como forma de sobrevivência.

O professor mostra que a “cidade de cimento” continua, como no passado, a ser muito selectiva, apenas aceitando população com poder económico e de estatuto social



considerado como mais elevado. Além disso, o tipo de residências permitidas neste espaço urbano, assim como o material de construção, limita o seu acesso a uma grande maioria da população moçambicana. Mas mesmo assim o centro da cidade de Nampula está congestionado. Isto sucede porque cresce o número da população da qual a cidade não foi projectada para albergar. Facto que é observável ainda hoje nos bairros suburbanos como: Namicopo; Muatala; Muhala; Namicopo; Napipine e Natikiri, o que leva muitos jovens a sair dos seus bairros a irem trabalhar e/ou fazer a sua actividade de comércio de rua (informal) no centro da cidade – (bairro – Central). Esta situação cria, para os visitantes uma percepção de um grande congestionamento populacional e de difícil circulação na área central da cidade.

O professor ensinou-nos em relação a cidade de Nampula, que os espaços suburbanos constituídos por bairros populares tradicionais, de crescimento horizontal, onde o material de construção predominante é precário (material local). Nestas condições, o crescimento demográfico observado levou a uma ocupação muito densa do solo, sem qualquer ordenamento e sem criação de infra-estruturas urbanas. Parte considerável da expansão destes bairros suburbanos fez-se em áreas de declive pronunciado, pois o centro ocupa a parte mais elevada do planalto. Tudo isto levou ao agravamento, não apenas das condições sociais, mas também ambientais; a cidade de Nampula é a capital provincial com os mais graves problemas de erosão. Porque ela foi feita sem qualquer plano de ordenamento, a circulação e a instalação de infra-estruturas são muito problemáticas e os problemas ambientais relacionados com a erosão e os lixos sólidos multiplicam-se, tornando as condições de vida dos seus moradores ainda mais precárias.

A cidade sempre foi vista como o lugar a atingir para melhorar as condições de vida familiar. Esta ideia aprofunda-se mais em países que, como Moçambique, que têm um desenvolvimento rural muito incipiente, e onde a agricultura praticada pela grande maioria das famílias depende, totalmente, das condições naturais. Por isso, as famílias rurais procuram que, pelo menos, um dos seus membros migre para a cidade para ter um emprego com remuneração certa, o que melhorará substancialmente o rendimento do agregado.

O professor nos mostrou que a cidade de Nampula sempre desempenhou esta função de atracção de população rural de todo o espaço provincial, assim como do norte da província da Zambézia, sul da de Cabo Delgado e oriente do Niassa. Também nesta função ela é considerada o centro de todo o norte moçambicano.

Contudo, o professor nos ensinou a perceber que as urbes moçambicanas continuaram a atrair muita população rural, que buscam arranjar nelas um emprego seguro e remunerado e melhorar as condições de vida da família e, segundo o professor, esta inspiração é uma miragem.

Quero terminar essa minha homenagem, transmitindo ao Professor, que tenha fé e crença de que a casa está totalmente construída e nós geógrafos da nova geração, estamos cada vez mais a pintar esta casa que se chama de Geografia Urbana muito construída pelo Professor.

Meu muito obrigado!



Algumas publicações do professor Manuel Garrido Mendes de Araújo...

ARAÚJO, Manuel Garrido Mendes de. As aldeias e o seu papel na distribuição territorial da população rural na república popular de Moçambique. **Finisterra**. Vol. 18, n. 36, 1983, pp. 365-377, 1983.

ARAÚJO, Manuel Garrido Mendes de. Os fluxos migratórios campo-cidade em Moçambique. Prova complementar de doutoramento em Geografia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1988.

ARAÚJO, Manuel Garrido Mendes de. O sistema das aldeias comunais em Moçambique: transformações na organização do espaço residencial e produtivo. Tese de doutoramento em Geografia Humana, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1988.

ARAÚJO, Manuel Garrido Mendes de. **Geografia dos povoamentos: uma análise geográfica dos assentamentos humanos rurais e urbanos**. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1997



ARAÚJO, Manuel Garrido Mendes de. A cidade de Maputo. Espaços contrastantes: do urbano ao rural. **Finisterra**, v. 34, n. 67/68, pp. 175-190, 1999.
<https://doi.org/10.18055/Finis1694>

ARAÚJO, Manuel G. Mendes de. A pesca artesanal em Cabo Verde: evolução global e territorial. Agência Geral das Colónias. IN: Garcia de Orta. Série de geografia. Vol. 17, n.º 1 - 2, pp. 35-46, 2000.

ARAÚJO, Manuel G. Mendes de. Ruralidades - Urbanidades em Moçambique. Conceitos ou preconceitos. **Revista da Faculdade de Letras — Geografia**, I série, vol. 17-18, pp. 5 – 11, 2001-2002.

ARAÚJO, Manuel G. Mendes de; CRUZ, Teresa; Cardoso, Carlos (org.). **Lusofonia em África : história, democracia e integração africana**. Dakar: CODESRIA, 2005.